

Maria Salete Van Der Poel: formação e atuação na Educação Popular

ARTIGO

Luziel Augusto da Silvaⁱ

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

Jean Carlo de Carvalho Costaⁱⁱ

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

1

Resumo

Este artigo busca analisar a partir das memórias e registros autobiográficos a trajetória docente de Maria Salete Van Poel na Educação Popular. Utilizamos como aporte teórico-metodológico Pierre Bourdieu (2006) e Paulo Freire (1996; 1997). Metodologicamente, elencamos como fonte os relatos autobiográficos contidos na produção intelectual da professora e entrevistas da mesma concedida a pesquisadores, empregando uma análise histórico-documental. Assim, esse estudo nos permite estabelecer relações entre as fontes e a trajetória da professora, visto que a formação e a atuação docente de Maria Salete no campo da Educação Popular foram tecidas nessa inter-relação entre as dimensões social e profissional e suas inter-relações como o contexto sociocultural.

Palavras-chave: Memórias. Docência. Maria Salete Van Der Poel. Educação Popular.

Maria Salete Van Der Poel: training and performance in Popular Education

Abstract

This article seeks to analyze Maria Salete Van Poel's teaching career in Popular Education based on memories and autobiographical records. We use Pierre Bourdieu (2006) and Paulo Freire (1996; 1997) as theoretical and methodological support. Methodologically, we list as sources the autobiographical accounts contained in the teacher's intellectual production and interviews she gave to researchers, using a historical-documentary analysis. Thus, this study allows us to establish relationships between the sources and the teacher's career, since Maria Salete's training and teaching performance in the field of Popular Education were woven in this interrelationship between the social and professional dimensions and their interrelations as the sociocultural context.

Keywords: Memoirs. Teaching. Maria Salete Van Der Poel. Popular Education.

1 Introdução

Os relatos de acontecimentos vivenciados por uma pessoa, são fragmentos de memórias da sua história de vida, que compreendemos como lugar de construção, onde

passado e presente se encontram e se articulam, ocorrendo uma confluência dos diversos trajetos que compõem a vida (Silva, 2022). Já que a história de vida é o terreno no qual se constrói o processo formativo que vai dando corpo a identidade de uma pessoa, como afirma Dominicé (1990, *apud* Nóvoa, 2013). No entanto, história de vida é uma noção que vem do senso comum, como afirma Bourdieu (2006), ao criticar no texto *Ilusão Biográfica*.

Segundo o autor, olhar para a vida como uma história linear é uma ilusão retórica, uma representação comum das experiências de vida dos sujeitos construída pela tradição literária, já que a vida tem oscilações e movimentos, muitas vezes, contrários e contraditórios, como afirma Bourdieu (2006). Por isso, é necessário pensá-la como trajetória, “série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (Bourdieu, 2006, p. 189). Assim, a trajetória segundo esse autor, são *colocações* e *deslocamentos* no espaço social e nos variados estados sucessivos da estrutura desse espaço.

É a partir desse novo olhar para as trajetórias dos sujeitos, no qual influenciou o campo das Ciências Sociais, que os professores ganham voz e vez nas pesquisas acadêmicas, o qual favoreceu o crescimento significativo de estudos sobre suas práticas, seus saberes e suas memórias, seu desenvolvimento pessoal e profissional e suas trajetórias. Neste sentido, olharemos neste artigo para a trajetória da professora Maria Salete Van Der Poel na Educação Popular, considerando suas memórias de formação e atuação nos anos 1960 (1960 a 1964).

A professora Maria Salete, natural de Campina Grande/PB, desenvolveu nos anos 1960 práticas educativas no campo da Educação Popular, especificamente nos movimentos sociais de Educação, como alfabetizadora de Adultos. Além disso, a professora Maria Salete foi docente da Universidade Federal da Paraíba, da qual se encontra aposentada, onde atuou nas disciplinas de História da Educação e Sociologia da Educação e durante essa sua atuação no Ensino Superior, produziu diversos livros sobre sua trajetória de militância educacional, suas práticas na alfabetização de Jovens e Adultos.

Assim, nos questionamos quais os deslocamentos no espaço social foram realizados pela professora e quais aspectos formativos e educacionais foram desenvolvidos pela professora nos espaços de educação popular que ela ocupou e atuou de 1960 a 1964? Esse recorte temporal foi escolhido devido 1960 ter sido o início do envolvimento da referida professora com os movimentos sociais em Campina Grande/PB e 1964 o ano do golpe militar que desmontou todas as experiências de Educação Popular e Educação de Adultos no Brasil, em particular no Nordeste.

Diante desse questionamento, o artigo objetiva analisar, a partir das memórias e registros autobiográficos, a trajetória docente de Maria Salete Van Poel na Educação Popular no recorte temporal de 1960 a 1964. Este se justifica por ser um trabalho no qual analisa a trajetória docente de uma mulher, militante, intelectual e professora que desenvolveu práticas alfabetizadoras no campo da Educação Popular, além disso, se justifica por trazer contribuições para o campo da História da docência e da Educação Popular na Paraíba, nos anos 1960 (1960-1969), período esse marcado por ideários progressistas e conservadores.

Portanto, este artigo, é um recorte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, no qual contribuirá para a ampliação dos estudos e pesquisas sobre História da Docência paraibana na Educação Popular, por meio da trajetória da professora Maria Salete Van Der Poel, colaborando para à continuidade dos estudos biográficos das educadoras paraibanas na linha de pesquisa História da Educação.

2 Metodologia

O artigo está ancorado nos estudos do Pierre Bourdieu (2006) e do Paulo Freire (2019a; 2019b; 2021), entre outros que estudaram trajetórias de indivíduos, educação popular e formação docente. Metodologicamente, se trata de um estudo histórico-educacional que utilizou como fontes, os relatos autobiográficos contidos no livro de autoria da professora, *Trajétoria de uma militância educacional*, publicado em 2007 pela

editora universitária da UFPB, disponível na Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIRH/UFPB), assim como os estudos do Prof. Dr. Afonso Celso Scocuglia que citam a referida professora.

4 Para análises destas fontes, empregamos a análise histórico-documentalⁱⁱⁱ, realizando a codificação das informações, classificação e o estabelecimento de categorias das informações encontradas nas fontes mencionadas anteriormente; posteriormente, a interpretação dessas fontes, a qual passou por uma análise interna e externa para ser interpretada à luz do referencial teórico escolhido para essa análise.

Portanto, essa postura analítica, nos permitiu estabelecer relações entre as fontes e a trajetória da professora Maria Salete Van Der Poel na Educação Popular, como também, olharmos para as dimensões social e profissional e suas inter-relações com o contexto sociocultural paraibano, especificamente, Campina Grande/PB.

3 Resultados e Discussão

3.1. Educação brasileira no início dos anos 1960

A partir dos anos 1950 começaram no Brasil as mobilizações sociais dos sindicatos, dos professores, dos trabalhadores das industriais e fábricas, entre outros. Entretanto, essas mobilizações chegaram no auge da efervescência política entre 1960 a 1961, pois, essas, tinha por objetivo a construção de um projeto sociopolítico e econômico de sociedade na perspectiva democrática.

Mas, o projeto de sociedade democrática tinha alguns entraves, como a política desenvolvimentista do então presidente da república, Juscelino Kubtscheck (JK) que governou de 1956 a 1961, na qual continuou o processo de industrialização do país que era visto como símbolo de modernidade, como afirma Lopes (2001). Assim, com a ebulição industrial o brasil foi marcado pelo projeto burguês em expansão e a articulação entre o

capital nacional com o capital estrangeiro, se colocando como um obstáculo para o projeto de sociedade democrática popular.

Em acordo com Ghiraldelli Junior (2015, p. 138) “no final da década de 1950 e início dos anos 1960 o nosso povo [classes populares, *grifo nosso*] deixou de pertencer, em sua maioria, à zona rural. [...] a nossa população urbana, pela primeira vez, aparecia no censo como maior que a população rural”. Porém, as populações urbanas oriundas das regiões rurais não foram contempladas com políticas públicas, já que o governo JK era voltado para as classes médias da sociedade brasileira.

Vale destacar aqui que o governo JK ainda mantinha vínculos com a política populista, por meio do seu vice-presidente, o João Goulart, no qual representava os ideais de um Estado assistencialista e paternalista e o pacto da política populista. É nesse contexto de idas e vindas que as forças intelectuais se afirmam como questionadoras do projeto desenvolvimentista brasileiro, perguntando: que Brasil queremos? À vista que a nossa população em sua maioria não participava de forma ativa dos processos eleitorais e políticos do país.

Diante desse questionamento que uma série de movimentos sociais e educacionais foram organizados no início dos anos 1960, como afirma Silva (2022, p. 58),

[...] a década de 1960 foi marcada pelo projeto social-reformista de João Goulart (Jango), efervescência dos movimentos sociais, principalmente na Região Nordeste, e do regime militar, que durou até 1985. Esses dois últimos fatos estão diretamente relacionados ao campo educacional, já que os movimentos sociais impulsionaram debates acerca da situação da educação brasileira, desencadeando, através de movimentos de cultura popular, propostas de educação de base com ênfase na alfabetização, as quais foram desmontadas pelo golpe de estado de 1964 (Regime Militar), que começou a reformar a educação do país na perspectiva capitalista.

Em concordância com Silva, a década de 1960 na região nordeste foi marcada pelos movimentos sociais de educação de base, visto que esses movimentos, tais como: Movimento de cultura popular, Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR), De pé no chão também se aprender a ler, entre outros, adentraram nas discussões sobre o direito a educação das pessoas analfabetas e da educação como instrumento político

emancipatório. Corroborando com Silva, Scocuglia (2000) afirma que esse (anos 1960, *grifo nosso*) foram cruciais para se estabelecer uma relação indissociável entre educação e política, em virtude dos conflitos dos grupos e das tendências políticas divergentes nesse período histórico.

Esses conflitos políticos se processavam entre conservadores e inovadores que buscam a mudança social, após a renúncia de Jânio Quadros. No estado Paraíba os conflitos políticos, também se agrupava em conservadores e inovadores, inclusive realizando passeatas, comícios e grandes manifestações públicas na resistência ao golpismo que queria impedir a posse de Jango (João Goulart) e nas reivindicações por melhores condições sociais para maioria da população das classes operárias.

Segundo Cunha e Góes (1985), os movimentos sociais e os movimentos políticos desse período se fundamentavam no entrelaçamento dialético entre cultura popular e libertação nacional, nos quais fomentavam uma luta antimperialista e uma luta de transformação do quadro socioeconômico e político do país, em especial no Nordeste brasileiro. Essas ideias ganharam materialidade na Juventude Universitária Católica (JUC), na Juventude Estudantil Católica (JEC), na Juventude Operária Católica (JOC) e na Ação Popular (AP), nas quais mantinham conexão com os movimentos de alfabetização e cultura popular, como: Movimento de Cultura Popular (MCP), Movimentos de Educação de Base (MEB), Centro Popular de Cultura (CPC/UNE) e a Campanha de Educação Popular (Ceplar).

Nesse sentido, educação e cultura se entrelaçam e geram frutos na sociedade brasileira, à Pedagogia libertadora, que segundo Freire (2019a) é a pedagogia dos homens emprenhados na luta por libertação, ou seja, a Pedagogia do Oprimido. Portanto, tal pedagogia tornou-se a bussola norteadora das ações dos movimentos de educação citados acima, uma pedagogia fundamentada nos princípios da Educação Popular, entendida neste estudo como prática ou ação capaz de emancipar as pessoas, ou seja, “uma prática educativa libertadora” que possibilita a reelaboração das dimensões ideológicas da cultura de um povo (Brandão, 2008).

3.2 Trajetória da professora Maria Salete Van Der Poel na Educação Popular através das lentes da memória autobiográfica

Afinal, quem é Maria Salete Van Der Poel?

7 Maria Salete Van Der Poel nascida em Campina Grande, estado da Paraíba. Iniciou sua trajetória como professora na escolinha que fundou com sua irmã, Eneida Agra, na década de 1950, no sobrado da família, denominada de Instituto Moderno de Educação Nossa Senhora da Salete, no qual funcionou até 1972.

No entanto, foi nos anos 1960 que a Maria Salete começou sua atuação na Educação Popular, especificamente, nos movimentos sociais de educação de base, como alfabetizadora de adultos. Segundo Ghirdelli Junior (2015), os anos 1960 a 1964 foi marcado por mudanças socioeconômicas e sociais, além de ser um período de problemas educacionais e sociais, tais como: altas taxas de analfabetismo e a falta de participação popular nas decisões do país, que desencadearam os movimentos sociais e de cultura popular mobilizados pela classe intelectual e artística do Nordeste, principalmente dos Estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Nesse contexto, a professora Maria Salete Van Der Poel desenvolveu práticas de Educação Popular na Ação Popular e na Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar), nas associações de moradores e comunidades carentes da cidade de Campina Grande/PB. Cidade essa que nasceu e viveu até 1969, quando vai morar em João Pessoa em virtude do casamento com o Professor Cornelis Joannes Van Der Poel. Além disso, foi militante nos movimentos estudantis de Campina Grande, JEC e a JUC.

A professora Maria Salete possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru em 1970. É mestra em Educação de Adultos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, de 1977 a 1979. Nessa instituição atuou como professora lotada no Departamento de Fundamentação da Educação do Centro de Educação, onde lecionou as disciplinas de História da Educação, Sociologia da Educação e Prática de Ensino em Sociologia da Educação, da qual se encontra-se atualmente aposentada.

Durante sua atuação no Ensino Superior, a mesma, produziu e publicou diversos livros sobre sua trajetória de militância educacional, suas práticas na alfabetização e na Educação de Jovens e Adultos. Mesmo depois de aposentada, a professora Salete fundou com o marido, o professor Cornelis Joannes Van Der Poel (in memória) e com a líder sindical Maria da Penha (in memória) a Rede de Letramento de Jovens e Adultos da Paraíba (RELEJA-PB), ramificada em diferentes municípios da Paraíba.

Portanto, este estudo focalizará na trajetória docente dessa mulher, professora, intelectual e militante no campo da Educação Popular e da Alfabetização de Jovens e Adultos, por consideramos sua contribuição como intelectual e pensadora nos campos da Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular, lugar onde ela desenvolveu práticas educativas na perspectiva da Educação Libertadora, e tem uma produção intelectual voltada para esses campos da Educação.

3.2.1. Entrelaçamento dos movimentos sociais com a educação Popular

Segundo Gohn (2002, p. 251),

Movimentos Sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil.

De acordo com a autora, os movimentos sociais são espaços políticos estruturados com base em temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciadas pelos fragmentos ou grupos que disputam o poder na sociedade, ou seja, os movimentos sociais são meios de mobilização popular em prol de interesses em comum de determinados grupos sociais. Desse modo, esses traçam objetivos para as suas ações coletivas, organizam-se e elaboram projetos de disputa de poder com a finalidade de articular as forças e alianças na perspectiva de enfrentar o Estado de forma direta ou indireta.

É nesse espaço de luta que se encontra os movimentos populares de educação de base, o movimento estudantil, o movimento operário, o movimento de trabalhadores do campo e da cidade. Foi nesse contexto de mobilizações e manifestações das classes populares do início dos anos 1960 que Maria Salete Van Der Poel teve contato com os movimentos estudantis, os quais podemos citar a Juventude Católica que atuava em várias esferas JEC, JUC e JOC, como afirma a professora em trecho do seu livro *Trajatória de uma militância educacional*,

Até 1960, nada de especial acontecera conosco. [...] Foi neste contexto que, em fins de 1960, conhecemos padre Antônio Nóbrega, recém chegado de Roma, onde se ordenara. Tornou-se logo assistente da JUC. Apesar de não sermos universitária, entrosou-nos com os jucistas da cidade (Poel, 2007, p. 24-27).

O fragmento de memória da professora nos revela o começo de seu envolvimento com os movimentos sociais estudantis e o início de sua trajetória docente na educação popular, quando ela se tornou assistente da JUC, por conhecer o Padre Antônio Nóbrega, recém-chegado da Itália. Mas, quem era o Padre Nóbrega?

Antônio Nóbrega de Albuquerque, chamado pela elite campinense por Padre Lambretinha, como relata Poel (2007), foi ordenado padre na Itália e designado padre da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, situada em Campina Grande. Destacamos que nas fontes analisadas não encontramos as datas de ordenamento do padre e nem da designação dele para a Igreja de Campina Grande.

O referido padre ao chegar na cidade e na igreja referida desenvolveu serviços de evangelização e atividades educativas, esportivas e social para as classes populares de Campina Grande. Isso em razão da Igreja Católica, nessa temporalidade, comungavam do pensamento progressista e social, que segundo Scocuglia (2000) o interesse da Igreja era oriundo de uma conjugação de interesses de parte de membros da Igreja Católica e de grupos católicos “progressistas”; do Estado, e, ainda, dos empresários, como S.A. Philips do Brasil.

Foi por meio do Padre Nóbrega que a professora Maria Salete conheceu as atividades educativas desenvolvidas pelos jovens católicos da Igreja Nossa Senhora da

Conceição de Campina Grande/PB. Logo, tais ações despertaram o interesse dela pelas ações sociais, como menciona a mesma “[...] Nóbrega, chamado pela burguesia, ironicamente, de padre lambretinha e comunista, despertou-nos para o social e para a militância política dentro da visão da Igreja Progressista de então.” (Poel, 2007, p. 27).

Diante disso, nos questionamentos, de que maneira ele influenciou a Maria Salete para ingressar na JUC de Campina Grande?

Podemos inferir que essa influência advém do contato da professora com a Igreja e sua participação na formação política realizadas pelo Padre Nobrega no âmbito das ações educativas, sociais, esportivas e culturais feitas pelos jovens da paróquia Nossa Senhora da Conceição. Pois, nessa formação era realizada leituras e diálogos entre os participantes da organização estudantil, a JUC, na qual estava baseada no ideário de revolução por meio da participação popular, tanto de cristões como de não-cristões defendido pela Ala progressista da Igreja Católica.

Foi nesse movimento estudantil, a JUC, que a professora Maria Salete militou e desenvolveu ações educativas em paralelo ao seu trabalho como professora no Instituto Moderno Nossa Senhora da Salete, como relata a professora em seus escritos autobiográficos, como também, tomou conhecimento do curso de extensão sobre o “Método Paulo Freire”.

Segundo Poel (2007, p. 27), “No início de 1963, juntamente com outros companheiros da AP (Ação Popular) e do PCB (Partido Comunista Brasileiro), fomos a Recife, e fim de conhecermos o “Método Paulo Freire”, [...]”. O referido curso era ministrado pelo Paulo Freire e sua equipe^{iv} no SEC (Serviço de Extensão Cultural) da Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco), no qual a professora Salete foi apresentada a visão de mundo e a concepção de educação na qual a proposta de Paulo Freire de alfabetização estava fundamentada, ou seja, a Pedagogia do Oprimido “aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade” (Freire, 2019, p. 43).

Desse modo, tal pedagogia se configura como matriz educativa norteadora das práticas educativas libertadoras, onde o mundo e suas problemáticas – mecanismos de

opressão – são analisados com objeto de reflexão dos oprimidos, levando-os a observar, pensar e refletir as contradições da realidade, injusta e objetiva, para buscar sua humanização por meio do diálogo e da práxis e assim, transformar sua realidade.

Ao experimentar e experienciar o curso de extensão, a professora Maria Salete Van Der Poel modificou suas concepções teórico-metodológicas educacional, como ela afirmou em seu relato autobiográfico, “é evidente que esta proposta provocou uma ruptura radical na nossa visão de educadora. A partir desse momento, pautamos nossa prática educativa inspirada na visão freireana de uma educação emancipatória” (Poel, 2007, p. 28). Esse fragmento nos revela a apropriação da professora perante esse repertório teórico e a ampliação das bases teórico-metodológicas de formação no campo da educação, na qual, possibilitou a professora a relacionar suas ações pedagógicas com a militância política, como afirma Freire (2021, p. 30) “ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento”.

Em virtude desse rompimento e entrelaçamento que a professora afirma em seus relatos autobiográficos que o curso de extensão realizado com Paulo Freire e sua atuação do movimento estudantil promoveu a união da política com a Pedagogia, uma vez que muitos cursistas deste curso estavam imersos nos movimentos de cultura e educação popular. Assim, a professora modifica sua prática pedagógica na sala de alfabetização da instituição na qual a mesma era professora primária, passando de uma prática baseada nas Cartilhas ABC – Pedagogia Nova ou Moderna^v – para uma prática alicerçada na Pedagogia de Paulo Freire.

3.2.2. Educação Popular como bússola norteadora da prática educativa

Após o contato com o curso de extensão ministrado pelo Paulo Freire provocou uma ruptura que modificou a prática pedagógica na sala de alfabetização da professora Maria Salete Van Der Poel no Instituto Moderno, como afirma Freire (2019b), ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criação de possibilidades para a construção do

conhecimento e do saber, já que a prática formadora é sempre uma experiência formativa e criativa.

Nesse sentido, é que a Educação Popular se configura como uma bússola norteadora da prática educativa formadora, visto que é por meio do entrelaçamento entre cultura e educação que se constrói uma práxis transformadora em busca da emancipação do sujeito humano, pois “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (Freire, 2019b, p. 25).

Segundo Scocuglia (2000, p. 71-72), os principais conceitos utilizados na Pedagogia de Paulo Freire eram,

[...] o da “sociedade brasileira em trânsito”, do “arcaico para o moderno”. A esse “trânsito” correspondiam “estágios da consciência” que partiriam da “consciência mágica (imersão) e chegariam à consciência crítica” (inserção) passando pelo estágio “transitivo” (emersão). [...] o conceito de educação como processo de comunicação é decorrente, e o modelo de conhecimento empregado enfatiza tal processo.

Eram esses fundamentos que eram ministrados no curso de Extensão ofertado pelo Paulo Freire no SEC-UR (Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife), no qual a professora Maria Salete realizou e começou a modificar suas práticas pedagógicas, visto que o método freireano era uma metodologia de conscientização articulada ao processo de educação, entendida como ações comunicativas entre educando e educador, além do mais, esse entendimento norteava a técnica de ensino utilizada por Paulo Freire no processo educativo, o diálogo.

Foi a partir dos fundamentos da pedagógica freireana que a professora adaptou os materiais pedagógicos utilizados no processo de alfabetização dos educandos do Instituto Moderno, ou seja, foi no Instituto o primeiro local de experimentação das práticas educativas norteadas pelos fundamentos da pedagogia freireana (Silva, 2022). Já que após o término do curso de extensão com o Paulo Freire, a professora Salete juntamente com outros cursistas/jucistas retornaram a paraíba com a missão de fundar em Campina Grande/PB uma experiência em Educação e Cultura Popular.

Essa experiência foi denominada de Ceplar (Campanha de Educação Popular) já que a Ceplar^{vi} no Estado da Paraíba em 1963 expandindo seus territórios de ação. A partir desse dado, o grupo da Paraíba que estavam no curso do SEC – militantes da Ação popular, militantes do Partido Comunista Brasileiro e universitários de Campina Grande – fundaram em Campina Grande um eixo de trabalho da Ceplar, “apesar de usar o mesmo “Método”, possuir o mesmo nome, ter como referência principal o MCP/PE, receber verbas do MEC e, também, ter sido fechada pelos golpistas, a Ceplar-CG não foi uma extensão da congênere pessoense” (Scocuglia, 2000, p. 104).

A CEPLAR-CG foi instituída em 1963, com o apoio do prefeito da época, Newton Vieira Rique (PTB – 1963/1964), do prefeito antecessor, Severino Bezerra Cabral (PSD – 1959/1963), e da Igreja Católica, em virtude dessa organização educativa manter ralação intrínseca com a Ala progressista e intelectual da Igreja. A saber que os integrantes da Ceplar também eram militantes da Ação Popular (AP), eixo de atuação da Igreja Católica, no qual inclui a professora Maria Salete Van Der Poel. Logo, podemos perceber que havia nos anos 1962/1963 um movimento dialético entre Educação e Política, como afirma Freire (2001, p. 28) “a natureza da prática educativa, a sua necessária diretividade, os objetivos, os sonhos que se perseguem na prática não permitem que ela seja neutra, mas política sempre”.

A CEPLAR-CG desde o início de suas atividades contou com o apoio da Prefeitura da Cidade de Campina Grande e do Governo Federal através de verbas para o funcionamento dos núcleos de alfabetização. Segundo Silva (2022), a Ceplar-CG era mantida em termos de infraestrutura pela prefeitura de Campina Grande, já que naquele momento (1963) contabilizavam-se três (03) núcleo de Alfabetização de Adultos, no entanto, tais núcleos mesmo como o apoio financeiro ainda mantinham as marcas de precariedade da estrutura.

Além disso, a Ceplar-CG possuía dirigentes próprios que não estavam subordinados à Ceplar-JP, grupo esse composto pela professora (Maria Salete Van Der Poel), uma contadora (não conseguimos localizar o nome), dois bancários (não conseguimos localizar o nome), um comerciante (não conseguimos localizar o nome) e

uma advogada (possivelmente, amiga da professora Maria Salete, Ophélia Amorim), que formavam a diretoria da Ceplar-Campina Grande, conforme disserta Silva (2022).

Nessa instituição, Ceplar-CG, a professora Maria Salete, assumiu o cargo de Alfabetizadora e posteriormente, o cargo de Diretora do Departamento de Alfabetização, como afirma Poel (1996 apud Scocuglia, 2000), “assumi o Depto. De Alfabetização da Ceplar. A parte teórica ficou com Josué; eu assumi a tarefa da alfabetização”, onde a professora possuía a função de dirigir as ações de alfabetização, nas quais tinha um trabalho voltado para a politização. Além deste, assumiu também a função de coordenadora da Alfabetização, na qual era incumbida de organizar os processos de alfabetização, tais como: planejamento, elaboração das ficha-roteiro, execução, formação dos educadores e supervisão dos trabalhos dos educadores, em razão disso as fichas criminais do IPM colocavam a professora como subversiva e comunista.

[...] em março de 1964, no auge do funcionamento da CEPLAR, veio o golpe militar. Se a CEPLAR de João Pessoa tivera vida breve (pouco mais de dois anos), a de Campina Grande sequer chegou a completar um ano de existência (SCOCUGLIA, 2000: 104). O golpe militar nos deu a sensação de que a história tinha parado. Só quem o viveu e compreendeu jamais poderá esquecer. Um pedaço de nossa história foi arrancado e jogado longe. Esperávamos “nossa revolução”, mas, em seu lugar, veio a revolução proclamada pelos militares (Poel, 2007, p. 28).

Em conformidade com o relato autobiográfico da professora, percebemos que com o golpe as ações educativas que faziam parte desse projeto de sociedade liberadora – “nossa revolução” – foram paralisadas de imediato. Há visto que com o Golpe Militar anunciado e deflagrado em abril de 1964 ocorreu as paralizações das ações de educação e cultura popular em desenvolvimento no nordeste brasileiro desde 1961 e houve uma sensação de fim do mundo e de tempo congelado, como afirma a professora em seu relato, causando nos sujeitos envolvidas nas experiências educativas da Ceplar um forte temor.

Em razão, de uma verdadeira caça “às bruxas” as pessoas ligadas aos movimentos de educação popular que foram perseguidas, presas, torturadas, demitidas e acusadas de subversão, a exemplo, da professora Maria Salete Van Der Poel, que foi acusada, perseguida e presa por desenvolver, atuar e trabalhar nas ações de

alfabetização popular em Campina Grande, sofrendo inquéritos policiais nos quais impediram a mesma de estudar e ser nomeada em concursos públicos e se movimentar socialmente em Campina Grande/PB.

4 Considerações finais

15

Concluimos que a trajetória docente da professora Maria Salete Van Der Poel na Educação Popular trazem elementos significativos para compreendermos os anos 1960 e seus acontecimentos históricos, políticos e sociais, além de contribuir para uma reflexão acerca dos movimentos de educação popular e a busca por uma educação comprometida com as classes populares, no sentido de refletir, intervir e mobilizar, tanto de forma social como de forma intelectual, processos que visem o acesso do povo (classes populares/trabalhadoras) à educação e ao ensino.

Com esse estudo percebemos que a professora estudada era oriunda de classe alta da cidade de Campina Grande, de família de tradição política que atuava na região de Campina Grande, por terem influência nessa mesma região e ser proprietários de terras. No entanto, observamos ao analisar sua trajetória docente na Educação Popular que esse pertencimento social da professora não aparece em suas produções autobiográficas, nas quais a professora narra suas práticas e memórias de sua atuação no território da Educação Popular, visto que ela tem uma intensa atuação nos movimentos de Educação de Base no período analisado neste artigo.

Além disso, ao analisar os caminhos trilhados por Maria Salete na Educação Popular, evidenciamos que ocorreu um entrelaçamento entre sua militância nos movimentos estudantis e sua atuação nos movimentos de educação de base. Pois, isso foi verificado ao analisar suas memórias acerca de sua atuação junto a Campanha de Educação Popular de Campina Grande (CEPLAR-CG), na qual, se processou por meio de sua inserção na Juventude Católica e na Ação Popular.

Em razão disso, concluimos que esse contato da professora com os movimentos estudantis (JUC) e as ações na Ceplar-CG modificaram a sua visão de educação e de

suas práticas pedagógicas, aprofundando e aprimorando sua base teórico-metodológica, saindo de uma prática alicerçada nos fundamentos psicológicos para uma prática fundamentada nos pressupostos antropofilosóficos e sócio-históricos da Educação Popular Libertadora de Paulo Freire.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação popular antes e agora. *In*: MACHADO, Maria Margarida. **Formação de educadores de jovens e adultos**. Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008.

CELLARD, André. Análise documental. *In*: POUPART, j., et al. (Orgs). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CUNHA, Luis Antônio; GOÉS, Moacyr de. **O golpe na Educação**. 3ª Ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; Tia, não**: Cartas a quem ousa ensinar. 37ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 58ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. 5ª edição, São Paulo: Cortez, 2001.

GHIRALDELLI, Paulo. **História da educação**. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2015.

GHON, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2002.

LOPES, Luiz Roberto. Redemocratização e Populismo: Da Consolidação ao Golpe Militar. *In*: LOPES, Luiz Roberto. **Uma história do Brasil**: República. 2ª edição, São Paulo: Contexto, 2001.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2ª ed. Lisboa: Porto Editora, 2013.

POEL, Maria Salete Van Der; POEL, Cornelis Joannes Van Der. **Trajetória de uma militância educacional**: do sistema freireano ao letramento sócio-histórico. 1ª edição. São Leopoldo: Oikos; João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Histórias inéditas da educação popular**: do sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB [São Paulo]: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2000.

SILVA, Luziel Augusto. **Memórias da Docência**: o percurso formativo da professora Maria Salete Van Der Poel na Educação Popular (1960-1970). 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

ⁱ **Luziel Augusto da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2470-8911>

Universidade Federal da Paraíba; Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação
Doutorando em Educação pelo PPGE/UFPB. Mestre em Educação pelo PPGE/UFPB. Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola pelo NIPAM/CE/UFPB. Pedagogo com aprofundamento em Educação
de Jovens e Adultos pela UFPB.

Contribuição de autoria: em que esse autor colaborou com o texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2122947802434952>

E-mail: luziel.augusto@hotmail.com

ⁱⁱ **Jean Carlo de Carvalho Costa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6930-8607>

Universidade Federal da Paraíba; Centro de Educação; Departamento de Fundamentação da
Educação;

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Titular, na área de
Sociologia da Educação, no Departamento de Fundamentação da Educação do Centro de Educação e
do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Contribuição de autoria: em que esse autor colaborou com o texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7279526897191463>

E-mail: jeanccosta@yahoo.com.br

ⁱⁱⁱ Análise documental utilizada numa pesquisa historiográfica, conforme Cellard (2008) afirma que a análise documental trata-se de um método de coleta de dados que exclui a eventualidade de qualquer influência do pesquisador do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados. Além disso, esse método é utilizado com base em documentos, visto que é a principal fonte de informação para realizar um estudo historiográfico.

^{iv} A equipe era formada pelo próprio Freire e pelos professores Jarbas Maciel, Jomard Muniz de Brito, Astrogilda Paes de Andrade e Aurenice Cardoso.

^v O escolanovismo deslocou o intelecto para o sentimento, do lógico para o psicológico, da cognição para os processos pedagógicos, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade, da quantidade para a qualidade.

^{vi} Fundada em 1961, a CEPLAR – Campanha de Educação Popular – foi um movimento popular de Educação de Base que se utilizava, de modo pioneiro, do método Paulo Freire de Alfabetização de adultos, tendo em vista que esse movimento interligava educação e cultura popular com a finalidade de alfabetizar adultos. A Ceplar ocorreu entre 1961 e 1964 no Estado da Paraíba, sendo extinta a partir de março de 1964, com o deferimento do golpe civil-militar ocorrido no Brasil.

Editora responsável: Francisca Genifer Andrade de Sousa.

Especialista *ad hoc*: Charliton José dos Santos Machado e Ana Michele da Silva Lima.

Como citar este artigo (ABNT):

SILVA, Luziel Augusto da.; COSTA, Jean Carlo de Carvalho. Maria Salete Van Der Poel: formação e atuação na Educação Popular. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, n. e14264, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14264>

Recebido em 02 de maio de 2024.

Aceito em 14 de agosto de 2024.

Publicado em 18 de outubro de 2024.